

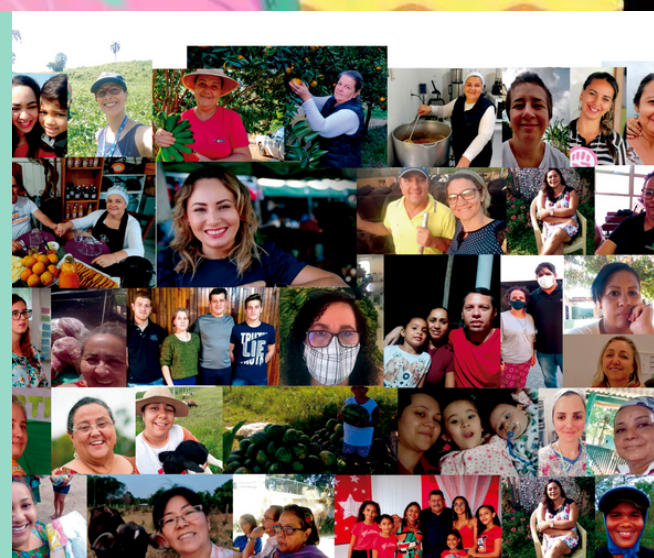
MÊS DE LUTA DAS MULHERES

LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISE,
INCLUSIVE NA COOPERATIVA!



"Toda vez que uma mulher se defende, sem nem perceber que isso é possível, sem qualquer pretensão, ela defende todas as mulheres."

Escrito por Maya Angelou



Uma produção do Coletivo de
Mulheres da Unicafes Nacional



VOCÊ SABE QUAL A DIFERENÇA ENTRE IGUALDADE E EQUIDADE?

Segundo o dicionário, igualdade é: substantivo feminino

- 1.fato de não apresentar diferença quantitativa.
- "i. de salário"
- 2.fato de não se apresentar diferença de qualidade ou valor, ou de, numa comparação, mostrarem-se as mesmas proporções, dimensões, naturezas, aparências, intensidades; uniformidade; paridade; estabilidade.
- "i. de oportunidades"

e também segundo o dicionário, equidade é: substantivo feminino

- 1.apreciação, julgamento justo.
- 2.virtude de quem ou do que (atitude, comportamento, fato etc.) manifesta senso de justiça, imparcialidade, respeito à igualdade de direitos.
- "a e. de um juiz"



IGUALDADE

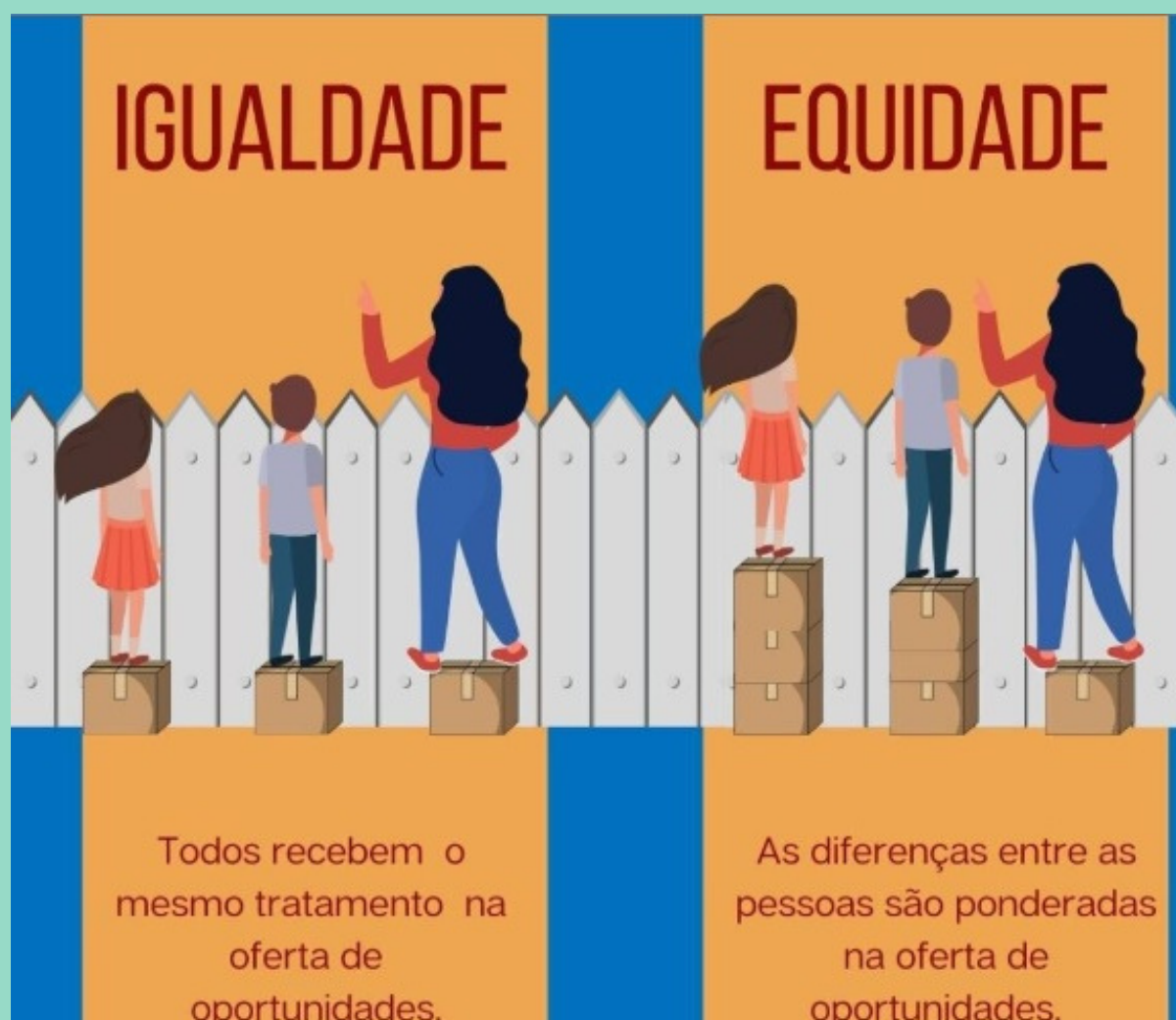


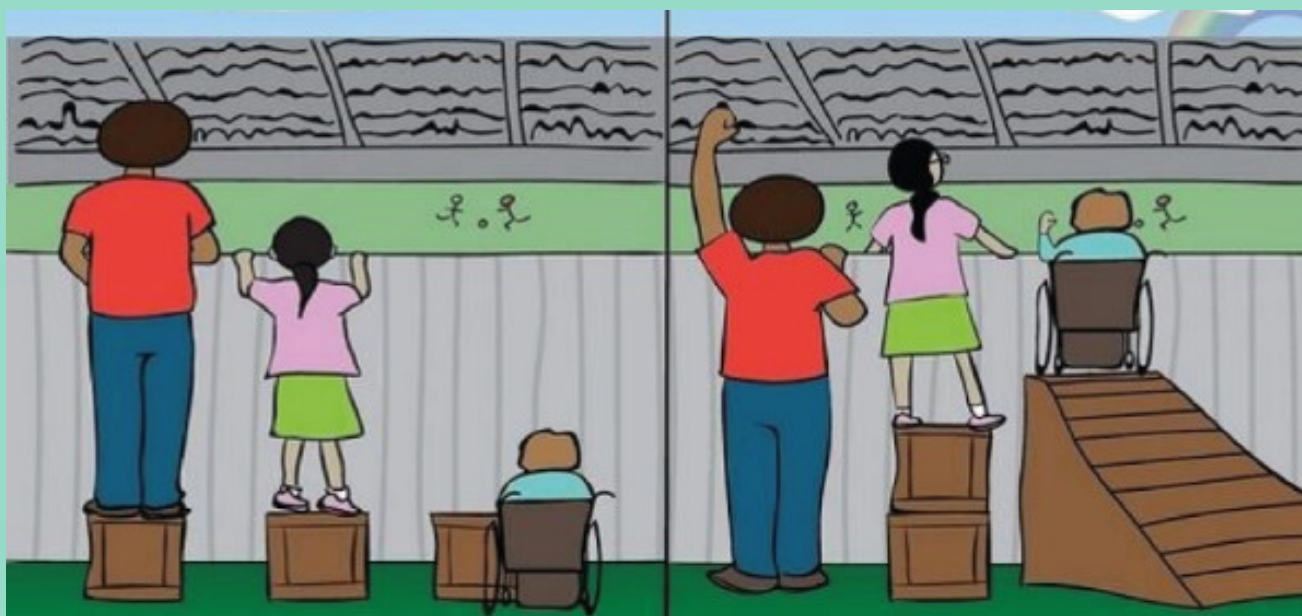
EQUIDADE

Podemos simplificar dizendo que equidade é dar o que cada um ou cada uma necessita para que todos tenham as mesmas oportunidades. Por exemplo, na imagem abaixo, temos 3 caixotes de mesma altura, 3 pessoas de alturas diferentes e frutas numa árvore. Se dermos a cada um ou a cada uma de forma igual, utilizando o princípio da igualdade, a pessoa mais alta ficaria com várias frutas, a pessoa de altura média pegaria umas poucas e, a pessoa mais baixa, ficaria sem nenhuma.

Observe o que acontece quando utilizamos do princípio da equidade, todas as pessoas, tendo acesso ao tamanho de caixa que necessitam, conseguiram ter a mesma oportunidade de comer frutas. Mesmo que um tenha ficado sem caixa, não significa que ficou sem fruta.

Seguem outros exemplos para ilustrar, como vemos no caso de Pessoas Com Deficiência, que não raras as vezes, encontram imensos obstáculos para acessarem as oportunidades mais básicas.





IGUALDADE

EQUIDADE

A EQUIDADE visa garantir que todas as pessoas tenham as mesmas oportunidades considerando suas diferenças. Esse conceito também deve ser aplicado à questões de gênero.

Com esses exemplos, queremos comunicar que a realidade das mulheres no mundo ainda é muito dura. Os direitos não são plenamente respeitados. Seus corpos são regidos pelo Estado, pela Igreja e pelos companheiros. Cultura esta, fruto do patriarcado e do capitalismo que minam o mundo com disputa de poder.

Os direitos das mulheres nunca estão garantidos, sempre estão em risco, desta forma, as mulheres precisam seguir sempre vigilantes, lutando por mais direitos e, resistindo bravamente, para garantirem os que existem.



10 MULHERES DO MUNDO PARA SEREM CONHECIDAS E LIDAS:

Foi uma escritora brasileira de pouca instrução que se destacou por seus relatos, em forma de diários, sobre sua dura realidade na favela. É autora do livro *Quarto de Despejo*, entre outras obras. Sua história de vida, relatada no livro-diário, é repleta de luta, superação e sofrimento - tratava-se de uma mulher, negra e favelada no Brasil do século XX.

"Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade."



CAROLINA MARIA DE JESUS



Intelectual e ativista negra, Lélia de Almeida Gonzalez (1935-1994) destaca-se por sua produção e por intensa atuação política contra o racismo e o sexismo. As discussões que propôs sobre questões identitárias e sobre relações de raça e gênero no Brasil repercutem em diversos campos do conhecimento, encontrando forte eco nos Estudos Culturais e na Antropologia.

Filha de uma empregada doméstica de origem indígena e de um homem negro, ferroviário, pertencente a uma extensa família operária, Lélia migra de Belo Horizonte para o Rio de Janeiro em 1942, onde se forma em História e Filosofia, tornando-se professora na rede básica de ensino e no ensino médio, lecionando em escolas públicas e privadas.

Realiza mestrado em Comunicação Social e doutorado em Antropologia, tornando-se professora e pesquisadora na Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro, entre 1978 e 1994.

LÉLIA GONZALES



JAMILA RIBEIRO

Nasceu em Santos, em 1980. Filósofa e pesquisadora, é uma das principais vozes brasileiras no combate ao racismo e ao feminicídio. Sua atuação é voltada à Filosofia Política, com ênfase em Teoria Feminista, Relações Raciais e de Gênero e Feminismo.

Tornou-se conhecida no país por seu ativismo na internet, acumulando mais de 500 mil seguidores no Instagram. É colunista do jornal Folha de São Paulo e foi secretária-adjunta da Secretaria de direitos Humanos e Cidadania de São Paulo. Coordena a coleção Feminismos Plurais, da editora Letramento, pela qual lançou os livros "O que é lugar de fala", "Quem tem medo do Feminismo Negro?" e "Pequeno manual antirracista".

Ela foi uma dos 51 autores, de 25 países, convidados a contribuir para os papéis da liberdade no livro "The Freedom Papers". Ao longo de sua carreira, recebeu premiações como Prêmio Cidadão SP em Direitos Humanos, Trip Transformadores, Melhor Colunista no Troféu Mulher Imprensa, prêmio Dandara dos Palmares, e está entre as 100 pessoas mais influentes do mundo abaixo de 40 anos, segundo a ONU.



Nasceu no dia 26 de janeiro de 1944, na cidade de Birmingham, Alabama, nos Estados Unidos. Sua cidade sofria, na época de seu nascimento, com a política de segregação racial implantada na maioria dos estados do sul dos Estados Unidos.

É uma filósofa, escritora, professora e ativista estadunidense. Desde a década de 1960, Davis luta pelos direitos da população negra e das mulheres nos Estados Unidos. Intelectualmente, ela é influenciada pelo marxismo e pela Escola de Frankfurt. Nos movimentos sociais, defende a igualdade entre negros e brancos e a igualdade de gênero, além de teorizar acerca da importância do feminismo negro para reconhecer as dificuldades da mulher negra na sociedade, que, além de sofrer pela misoginia, sofre também pelo racismo.

ANGELA DAVIS



SIRLEI ANTONINHA KROTH GASPARETO

Nascida no dia 13 de junho de 1962, em Lomba Alta, pequena comunidade que pertencia a Arroio do Tigre/RS, é autora do Livro: *Pedagogia da Semeadura: a construção de saberes pelo Movimento de Mulheres Camponesas no Programa de Sementes Crioulas*, premiado pela CAPES. Com o lema: *Lutarei Sempre*, com apenas dois meses de idade, os pais de Sirlei mudaram-se para Crissiumal/RS, como a maioria das famílias neste país foram em busca de melhores condições de vida e trabalho.

O pai era pequeno agricultor e professor (antigo primário), passou a lecionar na escola da comunidade rural de Barra do Lajeado Grande, por alguns anos. Aposentou-se como agricultor. Quando parou de dar aulas, quem assumiu como professora e alfabetizou a própria filha foi Gentile De Nardi Kroth, (mãe) que permaneceu neste ofício até se aposentar. Sirlei é a 5.^a filha de uma família de sete filhos.

Atualmente é casada com Darci Gaspareto e vivencia a falta física do filho Matheus Kroth Gaspareto, que deixou este plano após muito lutar pela vida. Sirlei, desde o berço traz as marcas da educação e da vida simples do campo.



Doutora em História pela Unicamp e autora do prefácio da edição brasileira do livro “Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra”, da feminista estadunidense bell hooks, publicado, em 2019, pela editora Elefante - Lattes.

Gloria Jean Watkins é o nome de batismo de bell hooks. Ela nasceu em 1952, em Hopkinsville, uma pequena cidade segregada do estado de Kentucky, no sul dos Estados Unidos. Ela cresceu em uma família de classe trabalhadora: seu pai era zelador e sua mãe dona de casa. Além dos pais, ela foi criada com cinco irmãs e um irmão.

A escolha do pseudônimo bell hooks é uma homenagem à sua bisavó Bell Blair Hooks, conhecida dentro da família pela sua coragem de dizer a verdade. Uma mulher de língua afiada, sem papas na língua. Quando bell hooks começa escrever, ela adota o nome da bisavó como uma forma de reivindicar esse legado, já que desde a infância hooks também gostava de expressar suas ideias.

BELL HOOKS



SILVIA FEDERICI

Nasceu em Parma, na Itália, em 1942. É ativista feminista, filósofa, escritora e professora. Em 1967, mudou-se para os Estados Unidos, onde pouco depois participou da fundação do International Feminist Collective, a organização que lançou internacionalmente a campanha Wages For Housework [Salários para o Trabalho Doméstico].

Com outras membras da organização, como Mariarosa Dalla Costa e Selma James, e com outras autoras feministas como Maria Mies e Vandana Shiva, Federici tem sido instrumental no desenvolvimento do conceito teórico da reprodução sexual como uma chave para estudar as relações de classe, de exploração e dominação em contextos locais e globais, bem como no centro das formas de autonomia e dos bens comuns.



IVONE GEBARA

A freira brasileira que desafiou o Vaticano. Ivone Gebara é feminista, nasceu em 1944 e vive na cidade do Recife, nordeste brasileiro, sua cidade natal. Gebara é doutora em Filosofia pela Universidade Católica de São Paulo e doutora em Ciências Religiosas pela Universidade Católica de Lovânia, na Bélgica. Ela lecionou durante 17 anos no Instituto de Teologia do Recife e, desde sempre, atacou com veemência a sociedade patriarcal, fazendo duras críticas a Igreja Católica e declarando-se publicamente a favor do aborto e pelos direitos das mulheres.

Assim, Ivone Gebara teve seu silenciamento decretado pelo Vaticano em 1999, não podendo mais ministrar aulas nem falar em público. Gebara não obedeceu ao Papa e continuou falando e escrevendo mesmo sendo perseguida. Gebara tem um papel importante na fundamentação epistemológica dos Estudos Feministas, sendo assim uma autora que deve ser estudada e lembrada quando o tema é gênero e mulheres.



Premiada pesquisadora contemporânea. Descobriu-se antropóloga; dirige documentários e tornou-se autora prestigiada, além de militante de causas como a descriminalização do aborto e os direitos reprodutivos das mulheres. É autora de livros e artigos sobre temas diversos, que refletem e impulsionam debates e lutas pela garantia dos direitos humanos no Brasil. É professora da Faculdade de Direito na Universidade de Brasília. Está vinculada à Anis — Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero, organização não governamental de pesquisa e ação política em temas difíceis, tais como aborto, presídios e sexualidade.

Foi pesquisadora visitante no Canadá, nos Estados Unidos, na França, na Holanda, no Japão e no Reino Unido. Recebeu mais de 80 prêmios por pesquisas, livros e filmes. Com a publicação do livro em 2016 - que ganhou o 1º lugar na categoria Ciências da Saúde no prêmio Jabuti em 2017 - Debora continuou seu trabalho na Anis, sempre discutindo em entrevistas o impacto do Zika na vida das mulheres nordestinas. No final de 2017, teve início.

DEBORA DINIZ



Escritora feminista e uma das maiores intelectuais da atualidade, Chimamanda é escritora criativa nigeriana e ensaísta, com envolvimento e liderança no pensamento feminista. Nasceu no ano de 1977, em Enugu, de uma família de origem Igbo da cidade de Abba, no Estado de Anambra, mas cresceu em Nsukka. O pai era professor de Estatística na Universidade da Nigéria e mais tarde tornou-se vice-chanceler adjunto da instituição, enquanto a mãe era graduada em Sociologia e tabeliã.

Como escritora de ficção, suas obras tratam de dramas sociais nigerianos, mas também das situações dos imigrantes nos Estados Unidos, tema abordado em sua conhecida conferência no TED, intitulada “Os perigos de uma história única” (2009). Sua atuação e denúncia das desigualdades de gênero levou a que proferisse a conferência We should all be feminists (Sejamos todos feministas) (2012), em que compartilha sua experiência como mulher africana feminista, e sua visão sobre a construção de relações de gênero e sexualidade, que logo foi transformada em livro de grande impacto editorial em 2014.

CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

MARCHA DAS MARGARIDAS 2023



A CADA ANO A MARCHA AGLUTINA MAIS MULHERES

A 7ª edição da Marcha das Margaridas será realizada nos dias 15 e 16 de agosto de 2023 em Brasília, serão caravanas vindas de todas as regiões do Brasil, mas o processo de construção da maior ação protagonizada pelas mulheres na América Latina foi iniciada desde agosto de 2021. Desde então, as Margaridas seguem marchando para conquistar mais visibilidade, reconhecimento social, político, cidadania, autonomia econômica, igualdade e liberdade, bem como denunciar a exploração, o machismo, a dominação e todas as formas de violência.

A Marcha das Margaridas é um caminho coletivo de construção de um projeto de sociedade que propõe um Brasil sem violência, onde a democracia e a soberania popular sejam respeitadas, a partir de relações justas e igualitárias.

Mais informações: <https://youtu.be/a4a-VROyrGs>.

**Caminho Coletivo
de Construção**



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<https://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-da-mulher.htm>

<https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/angela-davis.htm>

Google imagens

<https://www.portugues.com.br/literatura/carolina-maria-de-jesus.html>

BARTHOLOMEU, Juliana Stefany Silva. Enciclopédia de Antropologia. USP. 2019. Disponível em: <<https://ea.fflch.usp.br/autor/lelia-gonzalez.>> Acesso em 07 mar. 2023.

<https://online.pucrs.br/professores/djamila-ribeiro>

<https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/angela-davis.htm>

GASPARETO, Sirlei Antoninha Kroth. A CONSTRUÇÃO DE SABERES NO MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO PROGRAMA DE SEMENTES CRIOULAS NO OESTE DE SANTA CATARINA - BRASIL. 2017. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL - MESTRADO E DOUTORADO ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL. UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL - UNISC. Disponível em: <<https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/1720/1/Sirlei%20Antoninha%20Kroth%20Gaspareto.pdf>> Acesso em 07 mar. 2023.

REVISTA PEDAGÓGICA | V.18, N.37, JAN./ABR. 2016. 184 A VIDA, A MILITÂNCIA E A EDUCAÇÃO: AUTOBIOGRAFIA SIRLEI ANTONINHA KROHT GASPARETO



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Amanda Mota. A freira brasileira desafia o Vaticano: Homenagem a Ivone Gebara. 2014. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/543/761>> Acesso em 07 mar. 2023.

<https://www.blogs.unicamp.br/covid-19/conheca-debora-diniz-antropologa-referencia-na-discussao-sobre-igualdade-de-genero-e-saude-publica-no-brasil-durante-epidemias/>

<https://www.ufrgs.br/africanas/chimamanda-adichie-1977/>

<https://www.estudarfora.org.br/chimamanda-ngozi-adichie/>

<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/participacao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho-segue-menor-que-a-dos-homens-diz-oit.ghtml>

<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2019/05/10/pesquisa-mostra-que-30percent-das-mulheres-deixam-trabalho-por-cao-dos-filhos-homens-sao-7percent.ghtml>

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2019/05/12/internas_economia,754492/metade-das-mulheres-gravidas-sao-demitidas-na-volta-da-licenca-materni.shtml

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-03/pesquisa-do-ibge-mostra-que-mulher-ganha-menos-em-todas-ocupacoes>

<https://www.brasildefato.com.br/2023/03/03/8m-marcha-das-mulheres-do-df-se-levanta-contrafome-racismo-e-feminicidio>

<https://ww2.contag.org.br/margaridas-seguem-marchando-em-preparacao-a-marcha-das-margaridas-2023-20220210>

<https://www.infomoney.com.br/politica/lula-anuncia-projeto-para-garantir-equidade-salarial-entremulheres-e-homens-e-outras-13-medidas-no-8-de-marco/>

**”As roupas não vão
mudar o mundo.
As mulheres que as
vestem, sim.”**

–Anne Klein



**Secretária de Mulheres da Unicafes Nacional
Sandra Nespolo Bergamin**

**Organização do Informativo
Liege Santin**

**Organização visual e Diagramação
Daiane Benso/Ascom Unicafes Nacional**